



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Relatório do Grande Júri

Ciclo de 2025 do Prémio Aga Khan para a Arquitetura

26 de Junho de 2025

Este Ciclo

Este ciclo do Prémio desenrolou-se num mundo em tumulto, num momento de insegurança global. Quando tantas pressões são colocadas sobre a *vida*, os desafios da *construção* podem parecer ainda maiores. Enquanto Grande Júri do Prémio Aga Khan para a Arquitetura, gostaríamos de transmitir uma mensagem de esperança, inspirada nos projetos que analisámos: uma mensagem de que a arquitetura oferece muitas lições para forjar um caminho em frente. Os projetos de arquitetura pré-selecionados deste ano - os seus criadores, os seus habitantes, os seus apoiantes e os seus guardiões - ensinam-nos não só como construir, mas também como as comunidades prosperam e encontram otimismo.

A Nossa Resposta ao Resumo

O Comité Diretivo, no seu resumo para o Grande Júri, transmitiu três valores orientadores para o nosso trabalho: “Transcendência”, “Pluralismo” e “Progresso”. Nas nossas discussões sobre os projetos, considerámos estes valores produtivos na medida em que nos orientaram para o aspeto fundamentalmente prospetivo destes projetos. Ao procurarmos a *transcendência* (essa qualidade de ser “oportuno e intemporal”), fomos cativados por projetos arquitetónicos que transcendem as limitações das suas situações difíceis (sejam elas sociais, políticas ou financeiras) para produzirem uma descoberta genuína, e encanto, esperança e alegria. Quando guiados pelo *pluralismo* das culturas e dos sistemas de conhecimento, encontrámos uma criatividade e uma novidade notáveis nos métodos de construção flexíveis. Estes sistemas eram flexíveis, estavam abertos a resultados imprevisíveis e tiravam o melhor partido das imperfeições. O júri levou esta lição a peito, filosoficamente, estando aberto a resultados inesperados também no seu próprio trabalho. Ao procurarmos provas de *progresso*, descobrimos projetos em que a arquitetura demonstrou uma capacidade notável de congregar as exigências, ideias e recursos de uma comunidade humana, contribuindo para *saltos* na capacidade humana de regenerar a sociedade, para além das visões tecnocráticas.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Uma Gama de Escalas

Os projetos que analisámos existem a várias escalas: desde o núcleo urbano de uma metrópole até às margens crescentes de uma cidade moderna; desde o centro de uma cidade suburbana até à matriz de uma povoação histórica; desde a paisagem geológica da topografia de uma ilha até às margens sempre em mudança de uma paisagem aquática. Esta gama mostra como a excelência arquitetónica se estende do territorial ao elementar.

Uma Gama de Horizontes Temporais

Aqueles que constroem - arquitetos, construtores, comunidades e instituições - interrogam-se cada vez mais sobre o que significa deixar uma marca permanente na terra. Ao mesmo tempo, persiste um desejo genuíno de edifícios que ofereçam às comunidades um sentimento de pertença e um abrigo contra o movimento constante ou a precariedade. Ficámos impressionados com a inteligência de projetos que permitem reconfigurações de edifícios e espaços, e que concebem a permanência no meio de mudanças permanentes. Mesmo quando não foram concebidos para serem adaptáveis, muitos projetos contêm ingredientes para novas soluções, transmitem elementos do passado ou ajustam técnicas, ideias e imagens para o futuro.

Uma Variedade de Geografias

A verdadeira globalidade não é definida pela geopolítica. As culturas arquitetónicas, quer vernáculas quer monumentais, sempre se caracterizaram por fluxos de ideias, materiais, pessoas e mesmo tipologias, para além das fronteiras territoriais. Procuramos reconhecer projetos que reflitam as paisagens cada vez mais híbridas (físicas e sociais) em que a arquitetura existe e é feita.

Os projetos deste ciclo constituem a base de um verdadeiro discurso arquitetónico, que pode ser expresso através das seguintes questões:



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

1- Como se reforçam mutuamente a dimensão social e a materialidade da arquitetura?

A arquitetura pode surgir das necessidades e relações sociais, proporcionando espaços onde as pessoas se podem relacionar e trocar conhecimentos. No entanto, a arquitetura não pode ser reduzida a um processo; a forma e o material têm valor e ação por direito próprio. Embora estas duas dimensões possam existir de forma independente, é a sua síntese que catalisa a excelência arquitetónica.

Por vezes, avaliámos belas formas e excelentes inovações que ficaram aquém do seu impacto social. Boas intenções e atitudes nobres não justificam quaisquer meios ou soluções. Os projetos que chegaram ao topo demonstraram uma relação simbiótica entre as dimensões social, formal e material. Os projetos premiados não se limitam a facilitar um programa social, demonstram a generosidade dos arquitetos, dos clientes e das comunidades.

2- A arquitetura de excelência pode ser imprecisa?

Ao rever o ciclo deste ano, deparámo-nos com o dilema de como abordar projetos cujas ambições prometidas não foram totalmente realizadas em termos de pormenorização, materiais ou institucionalização de um programa. Por outro lado, ocorreram por vezes resultados totalmente inesperados que ultrapassaram as intenções declaradas pelos clientes e arquitetos, aumentando o valor cultural de um local, dando forma a novos programas e oferecendo sementes para futuras experimentações.

Outro dilema surgiu de projetos caracterizados pela presença simultânea de precisão e imprecisão. Reconhecemos que a imperfeição e a desarrumação são parte integrante da boa arquitetura e apreciamos a honestidade dos projetos que não se coíbem de revelar, em vez de esconder, os compromissos que tiveram de ser feitos dentro de determinadas restrições. A qualidade dos projetos premiados reside exatamente na sua capacidade de negociar entre arestas esgarçadas e precisão declarada e de demonstrar destreza, seja através da economia de meios, da negociação de métodos novos e pré-existentes, seja oferecendo sementes de novos paradigmas para o futuro.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

3- À luz das atuais tendências globais que envolvem a circulação de pessoas, capitais, materiais e ideias, de quem são as inovações reconhecidas?

Refletindo as realidades de um mundo global e interligado, analisámos projetos em que a inovação foi impulsionada por atores com diferentes capacidades e antecedentes. Esta diversidade de atores cria dinâmicas de poder que podem manifestar-se de diferentes formas, como a perpetuação de dinâmicas coloniais envolvendo atores ou investimentos ocidentais que operam em países em desenvolvimento, ou peritos em arquitetura que se sobrepõem ao conhecimento local ou a redes informais. Neste contexto, era importante que o júri considerasse noções de justiça epistémica e reconhecesse que existem diferentes sistemas de conhecimento e que estes são igualmente válidos. A força do Prémio Aga Khan para a Arquitetura reside no reconhecimento de todos os envolvidos, incluindo arquitetos com formação, agências governamentais, empresários e/ou agentes comunitários. Ficámos impressionados com os projetos que demonstram um intercâmbio de conhecimentos transgeracional e transcultural, a partir dos quais podem ser retiradas lições escaláveis e implementadas em diferentes locais.

4- Perante os sérios desafios que se colocam às linhas de vida políticas e económicas mais básicas do mundo, como pode a arquitetura alcançar a excelência?

O júri está consciente da delicada ética que envolve a atribuição e a receção deste prémio. Para além de celebrar a realização excecional de um projeto e da sua equipa, o objetivo deste prémio é também dar visibilidade a temas ofuscados e colocar questões em primeiro plano através da lente das respostas arquitetónicas. Tendo em conta o atual clima político, o júri foi confrontado com o difícil dilema dos potenciais efeitos nocivos de tornar algo ou alguém visível. Até que ponto é que a excelência é silenciada em prol de um bem maior? Com base na experiência daqueles que criam arquitetura em contextos frágeis, o júri navegou pelos desafios de recompensar a excelência arquitetónica com visibilidade, chegando à sua própria ética.

A arquitetura, os seus criadores e utilizadores, são todos agentes ativos na modelação de possibilidades e na demonstração poderosa de como criar uma vida digna de ser vivida.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Embora a execução do projeto possa ser condicionada pela escassez de recursos, aprendemos que a grande arquitetura utiliza esses constrangimentos como um incentivo à inovação. A grande arquitetura transcende as limitações e faz mais do que apenas o mínimo necessário: “funciona” não apesar dos obstáculos, mas precisamente por causa deles. Cria beleza, dignidade e otimismo nas circunstâncias mais difíceis, mostrando que todos os seres humanos têm direito a uma qualidade de vida. Nos tempos que correm, este direito infelizmente não é dado a todos, e a arquitetura por si só não pode resolver este problema.

5- Como podemos "medir" o impacto total da arquitetura?

Embora os indicadores quantitativos de desempenho sejam um meio valioso para medir o impacto de um projeto, ficámos impressionados com alguns projetos cujo sucesso era evidente na criatividade orçamental ou no número de atores envolvidos e de pessoas abrangidas. No entanto, o júri também reconheceu que não é possível medir o impacto de um projeto de arquitetura. Ao identificar a qualidade arquitetónica, tivemos de considerar a forma de captar os aspetos menos visíveis de um projeto bem-sucedido, que podem estar ancorados no domínio social. Estamos muito gratos aos revisores do local pelo seu trabalho impecável e diligente na avaliação destas dimensões intangíveis.

Uma vez que o Prémio Aga Khan para a Arquitetura considera projetos que foram construídos e estão operacionais há pelo menos um ano, muitos dos projetos já demonstraram impacto sob a forma de um método que pode ser aprendido com uma arquitetura que gerou um novo paradigma cultural ou uma área urbana regenerada. Vimos também projetos que se inspiraram diretamente naqueles que foram premiados ou pré-selecionados em ciclos anteriores. Esta é uma prova do impacto do Prémio Aga Khan para a Arquitetura na criação e divulgação de conhecimentos sobre arquitetura. Embora reconheçamos o potencial de todos estes projetos, o impacto da arquitetura evolui com o tempo e alguns dos projetos revelarão toda a extensão do seu impacto nos próximos anos.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

6- Como é que a arquitetura oferece encanto, esperança e alegria, neste momento?

Os desafios que enfrentamos atualmente são tão vastos que podem facilmente conduzir ao desespero, ao cinismo e à inação. As crises que enfrentamos atualmente como comunidade global são também crises de imaginação, modéstia, abertura e flexibilidade. Nestes tempos, é imperativo que a arquitetura ofereça uma perspetiva positiva. O processo do Prémio Aga Khan para a Arquitetura é um desafio à nossa imaginação, convidando-nos a conceber a arquitetura como mais do que uma simples resposta a crises, mas como criadora de um mundo futuro no qual desejamos viver.

Os Galardoados com o Prémio Aga Khan para a Arquitetura 2025:

Jahad Metro Plaza, Teerão, Irão

Vision Pakistan, Islamabad, Paquistão

Requalificação da Esna Histórica, Egito

Centro Comunitário West Wusutu Village, Hohhot, China

Wonder Cabinet, Belém, Palestina

Complexo Majara e Requalificação Comunitária, Hormuz, Irão

Khudi Bari, vários locais, Bangladesh

Azra Akšamija, Noura Al-Sayeh Holtrop, Lucia Allais, David Basulto, Yvonne Farrell (presidente), Kabage Karanja, Yacouba Konaté, Hassan Radoine, Wong Mun Summ

Junho de 2025



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Jahad Metro Plaza

Teerão, Irão

Com 159 estações e uma extensão de mais de 250 quilómetros, o Metro de Teerão é um dos mais extensos do mundo, transportando milhões de passageiros todos os dias. Enquanto infraestrutura urbana crítica, a funcionalidade e a atratividade do Metro são preocupações centrais para o município, o cliente deste projeto.

A remodelação da entrada da estação transformou um ponto de acesso outrora convencional e modesto num espaço público aberto: uma praça que favorece a passagem, os encontros e os eventos. Ao contrário da estrutura anterior, que fechava as escadas ao nível do solo, o novo projeto abre a estação ao céu e ao bairro, convertendo as antigas áreas de escadas numa zona pedonal com acesso direto à rua e melhorando a acessibilidade.

A ampla fachada melhora a ventilação e proporciona um espaço acolhedor para a interação pública, o comércio informal e a vida urbana, reconhecendo a necessidade dos passageiros do metro de terem um espaço para além do trânsito.

A arquitetura do projeto caracteriza-se pelo seu volume marcante e pela integração de abóbadas, arcos e formas circulares, que fazem referência ao rico património civilizacional do Irão. A utilização do tijolo reforça ainda mais esta ligação histórica, e a sua textura quente e subtil realça o estatuto da estação como um novo monumento urbano. Ao mesmo tempo, a estação integra-se na sua envolvente contemporânea, destacando-se entre os edifícios mais recentes que enquadram o local.

Esta identidade renovada confere à estação energia e distinção, estabelecendo-a como um marco no bairro e na cidade em geral. A sua localização estratégica aumenta ainda mais o seu potencial para se incorporar na memória coletiva dos residentes e visitantes de Teerão.

Em termos estéticos, o projeto baseia-se nas tradições arquitetónicas iranianas. A luz do dia penetra através de grandes aberturas no teto, iluminando o interior e melhorando a qualidade ambiental da estação. A entrada alargada permite a entrada de luz e ar, criando uma sensação de abertura e fluidez.

Através da sua força subtil, da atenção dada ao património e ao artesanato, e do seu objetivo de reavivar o espaço pedonal e a interação social, o projeto exemplifica o papel da arquitetura na formação de espaços públicos como diálogos vivos entre história, pessoas e ideias.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Vision Pakistan

Islamabad, Paquistão

Duas pessoas - uma educadora experiente, a outra um jovem arquiteto - trabalham em conjunto e inventam uma nova fonte de respeito, um novo centro de formação de competências, um local onde os jovens sentem que são importantes, onde os talentos ainda não descobertos serão formados e encorajados.

A educadora, Rushda Tariq Qureshi, tinha uma visão: educar, envolver os jovens e formar uma comunidade onde os estudantes se sentissem úteis e valorizados.

Ao arquiteto Mohammad Saifullah Siddiqui, da DB Studios, foi confiada a tarefa de compreender a visão de Rushda. Juntos, transformaram um terreno perto de transportes públicos e inventaram um edifício que não só conteria um novo tipo de educação, como também seria cheio de luz, espacialmente interessante, economicamente eficiente e altamente distinto.

Os dois pisos mais baixos do edifício de seis andares, com as suas montras duradouras, foram concebidos para se relacionarem com a rua principal. Distribuídas pelos pisos superiores, as salas de aula e o salão de orações, cuidados e cheios de plantas, entrelaçam-se e estão visualmente ligados através do átrio de 10 metros de altura. Os alunos veem-se uns aos outros e beneficiam do facto de poderem observar a formação e os progressos uns dos outros, conscientes de que fazem parte de uma comunidade solidária. O refeitório e a cozinha ao nível do telhado proporcionam oportunidades preciosas para um maior desenvolvimento pessoal para além do programa profissional.

A vida dentro deste cubo tridimensional é sustentada por valores ambientais estrategicamente importantes: boa luz natural, ventilação cruzada, proteção solar, baixos custos de manutenção e materiais robustos.

A expressão arquitetónica deste novo edifício é dada pela sua grelha de betão, colocada em frente das duas fachadas da rua. Esta grelha aplicada de 9 quadrados de altura e 10 quadrados de comprimento protege o interior e expressa este edifício contemporâneo para a cidade. Fá-lo reinterpretando as familiares e históricas *jaalis*, telas metálicas, tanto em vários padrões geométricos como em diferentes cores. Esta combinação de interpretação da história para fornecer uma fachada visualmente controlada, mas alegre, dá a este edifício uma superfície facilmente reconhecível e distinta.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Revitalização da Esna Histórica

Esna, Egito

A iniciativa para revitalizar a zona histórica de Esna ultrapassa os limites habituais de um projeto de conservação urbana que é formalmente enquadrado com antecedência e, em vez disso, apresenta uma estratégia ascendente através de um projeto inclusivo e socialmente estruturado para melhorar gradualmente o ambiente patrimonial. Assim, os residentes desempenham um papel importante na manutenção da sinergia urbana através do seu património vivo, desencadeando uma dinâmica regenerativa sustentável no que se tornou um tecido construído degradado.

Ao restaurar ou reutilizar edifícios - comerciais, residenciais e espirituais - o projeto está a estimular todo um metabolismo urbano histórico a enfrentar o desafio contemporâneo de melhorar as condições humanas e as infraestruturas de trabalho dos artesãos. As suas iniciativas orientadas para a comunidade são um catalisador para a melhoria da economia local através de pequenas e microempresas. Assim, o projeto faz eco da tecnologia e do saber-fazer locais através de pequenos resultados inovadores e cumulativos para gerar ativamente a conservação do núcleo urbano, a identidade da cidade, o dinamismo cultural e a resiliência económica.

Ao fazê-lo, o projeto muda claramente o paradigma da conservação urbana para outro nível, dando prioridade ao papel da inteligência coletiva dos residentes na transformação do seu ambiente construído problemático e abandonado. Em vez de abordar apenas os monumentos e outros tecidos históricos tangíveis, a tónica é também colocada no capital cultural intangível como alavanca para revitalizar as dimensões material e imaterial.

O principal ganho da revitalização do centro histórico de Esna é a forma como reativa os espaços históricos através de ações incrementais e cumulativas para criar sinergias com os potenciais sociais, culturais, ambientais e económicos através do engenho da comunidade. Assim, introduz a inovação social como uma ferramenta criativa para a modernização urbana, como a iniciativa gerida por mulheres Okra para a inclusão do género e o crescimento económico local.

Com a sua abordagem altamente participativa em relação à conservação do património urbano, o projeto tornou-se o primeiro “plano de conservação” para uma área urbana não monumental a ser aprovado pelo Governo do Egito. Sem precedentes na sua combinação de reutilização adaptativa com a capacitação da comunidade, ao mesmo tempo que estimula a economia local, poderá trazer equilíbrio às estratégias e políticas de conservação do património do Egito, que de outra forma seriam mais formais.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Centro Comunitário de West Wusutu Village

Hohhot, China

O Centro Comunitário de West Wusutu Village muda o paradigma do projeto de arquitetura contemporâneo para além dos resultados finais estéticos e baseados em objetos, orientando-o para a tradução das necessidades diárias da comunidade dos utilizadores num veículo arquitetónico bem concebido. A dinâmica deste projeto melhora significativamente a interação social, a experiência cultural e a resiliência ambiental. Assim, ao integrar diversos utilizadores e abraçando uma elevada articulação multifuncional através dos seus espaços fluidos, o centro gerou um valioso microcosmo comunitário partilhado e inclusivo num macrocosmo humano rural.

O desempenho arquitetónico do projeto baseia-se na integração de múltiplas atividades comunitárias, não através de espaços funcionais rígidos e confinados, mas sim através de um pátio circular permeável no seu núcleo. Para além da sua forma tangível, este pátio orchestra a circulação contínua e a orientação para diferentes divisões, abertamente ligadas entre si. Com uma rampa que liga o rés-do-chão e o telhado como um espaço público contínuo, o conjunto arquitetónico repensa engenhosamente as noções de espaços públicos e privados, bem como as fronteiras rígidas entre níveis.

Assim, demonstra como o *design* pode ser sensível e sensato num ambiente rural aberto, encapsulando as interações comunitárias dos aldeões num envelope físico compacto para gerar inclusão, resiliência, sustentabilidade e bem-estar. O projeto segue uma estratégia de articulação espacial que foi cuidadosamente traduzida através de uma forma material, tendo no entanto o cuidado de não cair numa dicotomia de espaço versus função.

Para além da sua forma altamente otimizada, a estrutura apresenta um marco transcendente e impactante na paisagem da aldeia. A arquitetura tira partido da beleza do seu ambiente natural, com vistas para as montanhas de Daqing, mantendo-se ancorada ao local pelas árvores sobreviventes como um marco da memória coletiva dos habitantes da aldeia.

Em termos tectónicos e de viabilidade, o Centro Comunitário de West Wusutu Village adota uma geometria clara e não alienante, em que a permeabilidade horizontal e vertical é exemplar. Enquanto as torres de arrefecimento melhoram a estética global da envolvente, também ligam os sistemas de ventilação para melhorar o desempenho passivo. Além disso, a reutilização em grande escala de tijolos transmite uma mensagem crítica de sustentabilidade - especialmente num contexto rural, onde a natureza é predominante.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Wonder Cabinet

Belém, Palestina

Iniciado pelos arquitetos para preencher uma lacuna na oferta cultural para os jovens da cidade, este projeto expande a intervenção dos arquitetos para os papéis de cliente, *designer*, praticante cultural e ativista.

Concebido como um farol aberto, flexível e transparente de produção cultural e resiliência no vale de Al Karkafeh, a organização espacial do edifício facilita o intercâmbio, o diálogo e a construção de comunidades. Com um programa misto de estúdios de artistas, espaços de produção, uma estação de rádio, um restaurante e os gabinetes dos arquitetos distribuídos por diferentes plataformas, o vazio transversal que atravessa os seus três pisos incentiva as ligações físicas e visuais, tanto no interior do edifício como em direção à paisagem circundante.

Partindo da linguagem contemporânea da construção em estrutura de betão predominante em Belém e arredores, o projeto demonstra que a complexidade e a riqueza espacial podem ser alcançadas através da aplicação criteriosa de métodos de construção normalizados e da utilização mínima de materiais. A grelha de betão torna-se uma infraestrutura habitada de produção cultural, bem como um monumento doméstico - anónimo na sua expressão e escala, mas monumental no seu impacto. O edifício consegue, simultaneamente, misturar-se com os outros edifícios da cidade através da sua expressão arquitetónica e destacar-se através da sua transparência como um gesto aberto e acolhedor na paisagem. A sua estrutura de betão simples é complementada por elementos artesanais produzidos localmente, como a sinalética giratória, as vigias e os murais que celebram a produção palestina contemporânea.

Firmemente aninhado num cenário profundamente carregado, o Wonder Cabinet oferece novos horizontes: reintroduzindo o fazer, a música, a maravilha e a alegria na cidade. Ao imaginar tanto a instituição cultural como a estrutura física que a acolhe, os arquitetos criaram um edifício que transcende o seu contexto político imediato, fornecendo um modelo para uma arquitetura de ligação que está enraizada em expressões contemporâneas de identidade nacional e afirma a importância da produção cultural como um meio de resistência.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Complexo Majara e Requalificação Comunitária

Hormuz, Irão

Inseridos num contexto geológico de cortar a respiração, que remonta a milhões de anos, estes projetos na Ilha de Ormuz, no Irão, estão enquadrados numa vasta cadeia montanhosa caracterizada por coloridos minerais e depósitos de sal. Assim, ao mesmo tempo que estão intrinsecamente georreferenciados ao local, estão significativamente inseridos no tecido social e cultural da terra.

O projeto pode ser entendido como um arquipélago vibrante e colorido de programas variados que servem para definir gradualmente um modelo verdadeiramente alternativo para o turismo neste contexto e também para além dele. No seguimento da sua primeira nova estrutura - a simples organização de visualização e interpretação denominada Centro Cultural Rong – o Complexo Majara apresenta uma oferta no âmbito de uma indústria global em crescimento. Optando por não seguir uma tipologia hiperluxuosa e exigente em termos de recursos, o complexo inclina-se para uma estrutura pluralista e inclusiva que contraria o excesso e se torna parte de um processo evolutivo de crescimento orientado para a comunidade.

Construído predominantemente com recurso a um sistema estrutural de “superadobe” de sacos de areia, a par de processos de construção mais convencionais, o projeto explora sistemas de conhecimento que potenciam tanto os conhecimentos locais como os conhecimentos globais mais vastos, realizados com a comunidade. Complementa o carácter remoto de Ormuz com um conjunto abrangente de soluções fora da rede que reduzem a pressão sobre os limitados recursos energéticos e hídricos da ilha.

Para além das novas estruturas, que incluem o edifício Typeless utilizado em grande parte para atividades relacionadas com o acompanhamento do impacto do projeto, as intervenções de acupuntura urbana em curso na cidade de Ormuz, são outro ponto forte da iniciativa.

Embora o projeto do Complexo Majara tenha conquistado muitos prémios e tenha recebido atenção mundial nos meios de comunicação social, o que tendeu a não ser dito até agora é a forma como se situa na intersecção entre a geologia, a vida comunitária e o turismo - uma indústria que pode ser tão destrutivamente globalizante. Na sua profunda sensibilidade ao contexto, este projeto exemplifica como a arquitetura se pode tornar uma força formidável de otimismo e determinação rigorosa para mudar o pêndulo social, cultural e material.



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Khudi Bari

Vários locais, Bangladesh

O projeto Khudi Bari foi galardoado com o Prémio pelo desenvolvimento de um sistema flexível que aborda desafios globais com soluções vernaculares, reformuladas através de uma lente contemporânea para evoluir e aumentar a escala de modo a ter um impacto regional mais alargado.

Baseado num módulo de geometria elementar, a sua racionalização - aliada à adaptação de técnicas vernaculares de bambu - coloca a humanidade à frente da estética, e é suficientemente humilde para permitir uma utilização de fonte aberta que dá a oportunidade às comunidades de construírem e as localizarem de forma autónoma. A sua instalação e desmontagem fáceis e rápidas proporcionam uma solução interessante para a condição nómada das comunidades deslocadas pelo clima nas planícies aluviais do Bangladesh, para as quais foi inicialmente concebido, tendo já impacto na vida de centenas de famílias.

À medida que se desenvolve em projetos comunitários de maior escala, o Khudi Bari mantém a simplicidade da sua estrutura, ao mesmo tempo que continua a ser gracioso e belo, recordando-nos que a conceção para a sobrevivência não exclui a qualidade arquitetónica. Graças à flexibilidade e ao carácter aberto da sua geometria, o projeto permite que o módulo individual passe de um abrigo único a edifícios coletivos comunitários, alargando o seu impacto da dignidade pessoal à infraestrutura social, sob a forma de salas de aula, cozinhas comunitárias e centros de ajuda humanitária.

O projeto tem um profundo enquadramento ecológico, contribuindo para o avanço global do bambu como material. Um recurso vivo e regenerativo, amplamente disponível em toda a Cintura do Bambu no Sul Global, está a ser cada vez mais adotado à medida que a perceção muda de um material precário para uma solução viável, dimensionável e sustentável, proporcionando um valor que vai para além do estilo.

Ideias arquitetónicas claras e poderosas têm a possibilidade de alcançar e inspirar outras pessoas em todo o mundo, mas depois têm de ser transferidas para contextos específicos para serem construídas com recursos locais. As ideias podem e devem tornar-se globais, mas os materiais têm de permanecer locais.

O projeto Khudi Bari é profundamente otimista, na medida em que reformula o papel que a arquitetura pode e deve desempenhar em tempos de realidades globais difíceis - como uma solução esperançosa, acionável e centrada no ser humano, fundamentada e sistémica.